

“O espectro do capitalismo”: uma sociedade perdida

O presente ensaio pretende abarcar uma reflexão crítica à sociedade pós-moderna ambientada em um modelo capitalista de consumo. Inicialmente, trataria-se somente de uma resenha crítica sobre o livro *Cosmópolis*, publicado em 2003 pela editora Charles Scribner's Sons, de Nova York (NY). A autoria é de Don DeLillo, romancista, ensaísta e dramaturgo, também natural de NY, cidade na qual se passa a trama, que pode ser definida como um retrato complexo com olhar crítico sobre uma sociedade capitalista. Trata de temas que incluem a época pós moderna, em diferentes graus de amplitude, desde uma visão macro (como a crise econômica mundial) até a micro (sobre a tecnologia onipresente na rotina dos indivíduos, cada vez mais solitários e egocêntricos).

Porém, conforme o prosseguimento da escrita da resenha, uma infinidade de assuntos e questões vieram à tona, suscitando a necessidade de dialogar com outros autores, resultando na concepção de um ensaio, incluindo o livro. Assim, nesse ensaio serão abordados como temas centrais permeados nos demais subtemas: a contemporaneidade e o capitalismo. Como subtemas adjacentes: o dinheiro, o tempo e as relações humanas.

Fundamentos

A investigação crítica mais aprofundada já realizada para compreender o modo de produção capitalista fora realizada por Karl Marx em sua obra *O Capital*, publicada originalmente na Alemanha, em 1867. Com esse objetivo, o autor desenvolve um diálogo dialético sobre o capitalismo, relacionando a luta de classes entre o burguês e o proletariado com a acumulação de capital e exploração da força de trabalho.

A mercadoria é a forma de riqueza das sociedades baseadas no modo de produção capitalista, por isso a análise da mercadoria é o ponto de partida de Marx (2013). A mercadoria foi definida como um objeto externo, uma coisa útil que satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie (do estômago ou da imaginação), ou seja, possui valor de uso, e, obrigatoriamente, possui um ou diversos valores de troca possíveis, quando é colocada em uma relação de troca, seja por outra mercadoria ou por dinheiro (no caso da venda), representando valor de uso para outros (Marx, 2013).

O valor da mercadoria é, simultaneamente, motor do capitalismo, afinal a criação de valor está no tempo de trabalho acumulado não pago para o trabalhador, conhecido como trabalho cristalizado, enquanto o preço é a “denominação monetária do trabalho objetivado na mercadoria”, ou seja, “a equivalência entre a mercadoria e a quantidade de dinheiro” (Marx, 2013, p. 301). De acordo com Marx (2013, p. 312), “(...) a mercadoria ama o dinheiro, mas *“the course of true love never does run smooth”* [em tempo algum teve um tranquilo curso o verdadeiro amor]”, seguindo essa lógica, explica-se o processo de metamorfose da mercadoria nas transações, iniciado pelo salto mortal da mercadoria na sua primeira substituição pelo dinheiro.

O dinheiro se diferencia do capital nas suas diferentes formas de circulação, uma vez que na circulação simples de mercadorias (M-D-M) o dinheiro recebido pela venda de uma mercadoria é metaforseado em outra mercadoria, que possui valor de uso para o comprador, enquanto na forma contrária (D-M-D) o dinheiro é utilizado para comprar e revender uma mercadoria, tendo como fim o próprio valor de troca (Marx, 2013). Porém, somente no processo D-M-D' (no qual $D' = D + \Delta D$) o dinheiro transforma-se em capital, quando a mercadoria é vendida por um valor excedente do original, chamado por Marx (2013) de mais valor.

Nesses processos de transação, a forma original da mercadoria sofre a chamada *alienação* quando é trocada por algum tipo de forma-dinheiro na venda, logo, para alguém apropriar o produto do trabalho de outro indivíduo quando aliena seu próprio produto. De certa forma a mercadoria pode-se dizer que uma mercadoria perde sua essência quando passa por muitas metamorfoses, pois não se sabe de onde veio, quem despendeu de força de trabalho para produzi-la ou por quais mercadorias fora trocada. “Não se percebe no dinheiro de que qualidade é a mercadoria que foi nele transformada. Em sua forma-dinheiro, uma mercadoria tem a mesma aparência que a outra” (Marx, 2013, p. 315).

Assim, é possível afirmar que os pressupostos históricos para a emergência do capital são a produção e, posteriormente, a circulação de mercadorias (Marx, 2013). Marx parte do pressuposto que a existência do capitalismo depende da circulação de dinheiro na forma de capital, e o coração do capitalismo é a produção de excedente de capital e sua expansão infinita na esfera de circulação (Fontenelle, 2017).

No mesmo sentido, Boltanski e Chiapello (2018, p. 153, *tradução nossa*) fazem uma breve definição do(s) capitalismo(s) como a “acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos”, isto é, a reinserção contínua do capital na economia visando obtenção de lucro, de forma que essa seja a força de transformação e marca do capitalismo. Definem também o capitalista como sendo aquele que almeja a reprodução do seu dinheiro, ou seja, reinveste o capital e pressiona grandes empresas para geração de lucros máximo (Boltanski; Chiapello, 2018). Assim, a mercadoria não é mais utilizada apenas para satisfazer necessidades sociais, na lógica da circulação simples de mercadoria, mas também possui uma finalidade fora da circulação, que é a de investir dinheiro em uma mercadoria para vendê-la, cuja finalidade é a circulação infinita de capital para obtenção de mais dinheiro (Fontenelle, 2017).

No início, o capitalismo era uma doutrina econômica que descrevia o funcionamento do dinheiro e difundia a ideia que reinvestir os lucros na produção acarretava no crescimento econômico. O espírito do capitalismo surge como uma necessidade ideológica para engajamento com o capitalismo, uma vez que o pilar da sociedade são os trabalhadores, os quais não tem propriedade sobre o resultado final de seu trabalho (Boltanski; Chiapello, 2018). Esse espírito perpassou três estados históricos, desde a burguesia, passando pelas grandes empresas não multinacionais e atingindo o grau globalizado com as transnacionais, e é composto por três principais pilares justificativos: progresso material; eficácia e eficiência na satisfação das necessidades; organização favorável a liberdade econômica (Boltanski; Chiapello, 2018).

Contudo, nos tempos atuais pós-modernos, o capitalismo envolve uma espécie de ética e religião, como expõe Harari (2015), que engloba inclusive a forma de pensar e se comportar dos indivíduos – onde a justiça, a liberdade e até mesmo a felicidade dependem do crescimento econômico, sendo este o “bem supremo”. Boltanski e Chiapello (2018) apontam o surgimento de um novo espírito do capitalismo como forma de reencontrar e reformular o antigo, para justificar a acumulação e motivar o ser humano a continuar com ela, sem deixar de lado o espírito antigo que legitima os modos de produção, mas buscando entender as novas regras do jogo e obtendo mais justiça. Esse novo espírito incorporea, ao mesmo tempo que critica, as instituições que garantiram os direitos de igualdade dos seres humanos oprimidos e massificados, exigindo sua “libertação” ou emancipação em relação a sua autonomia, auto-definição, autorrealização, entre outros, para evitar a dependência, a alienação, o desejo de ser outro (Boltanski; Chiapello, 2018).

Cosmópolis

Tanto a obra *Cosmópolis* quanto *O Capital* de Marx são uma composição de reflexões sobre a sociedade capitalista. Enquanto DeLillo (2003) pauta suas críticas incisivas sobre o capitalismo neoliberal em uma narrativa fictícia, com descrições que se assemelham a realidade do início século XXI, Marx escreve sua obra baseada na realidade do que, até então, era o estágio mais avançado do capitalismo: Inglaterra em 1862. Levando em consideração os conceitos marxistas descritos anteriormente, é possível traçar um paralelo entre o livro de DeLillo.

O próprio título, *Cosmópolis* (2003), apresenta uma pista sobre o assunto retratado na trama: uma cidade com numerosa quantidade de habitantes. No caso, em meio a uma crise econômica mundial, marcada por uma nova condição capitalista com colapsos coletivos e individuais, na qual nem mesmo toda tecnologia onipresente é capaz de salvar a sociedade do individualismo disseminado. Os vazios existenciais eminentes permeiam os personagens que vivem conflitos da humanidade pós-moderna, principalmente porque toda a novela é construída em torno do dinheiro, refletindo contradições da sociedade neocapitalista.

O personagem principal é Eric Packer, um jovem milionário, especulador da bolsa de valores – típica profissão pós-moderna, diga-se de passagem – que aposta na valorização do iene e perde sua fortuna em poucas horas. O retrato hermético, assim como a limusine de Eric, na qual o protagonista se posiciona como um rei no trono, se passa em um único dia da sua vida. Basicamente, decide atravessar a cidade para cortar o cabelo, todavia, encontra inúmeros percalços pelo caminho, já que o presidente dos Estados Unidos está na cidade e acontecem protestos anticapitalistas, com ruas fechadas, perigo eminente, protestos, violência, sujeira, vandalização, e até uma pessoa pegando fogo.

Mesmo com a cidade em estado de sítio, Packer não voltou atrás, afinal, seu carro blindado, com isolamento acústico, contando com a mais alta tecnologia, na qual todos os encontros e compromissos do personagem principal podem acontecer, seja uma consulta médica, relações sexuais ou reuniões de trabalho, passam a ideia de que é quase “mágico” na imensidão de possibilidades que poderia oferecer. Apesar de parecer exagerado e distante da nossa realidade, traz consigo o pontapé que abre as portas para reflexões: qual seria a análise de um homem da renascença sobre as mazelas da sociedade atual que relativizamos e não enxergamos, embebidos do olhar pós-moderno?

Ambientado em dois contrastantes cenários, horas no seu mundo particular, intrínseco à limusine branca (símbolo seu poderio econômico), e horas em um mundo externo distópico, uma cidade a beira de um colapso, ambos possuem simbologia bastante representativa para a trama. A oposição de ambientes apresentada é de um totalmente fora do controle e outro alienado da realidade, o carro é uma espécie de refúgio para personagem, o que o separa dos outros mortais. E mesmo quando pessoas revoltadas pixam seu carro, ele não parece se incomodar. Sua única preocupação é consigo: sua próstata assimétrica.

Em determinado momento, o enredo nos aprisiona e nos asfixia na vida do personagem, numa imersão que pede um afastamento, necessário para compreender que não são as entrelinhas dos longos diálogos que importam, apesar de criarem a esperança de que uma ruptura ocorrerá a qualquer instante – “*report from the complex*”. Mas é o conjunto situações que nos faz entender os rumos da humanidade levaram a tal crise. Desigualdade social, excessos para um e miséria para outros, pessoas como objetos de consumo rápido no estilo *fast-food*, relações rasas e efêmeras...

As falas dos personagens estão imersas em críticas e relatam os vínculos humanos como frágeis, distantes, contando com relações utilitárias e fragmentadas, quase desumanizadas. A relação de Packer com Elisabeth, sua noiva que pouco conhece, é fria. Com seu motorista e seus assessores entram em seu carro para passarem

informações e atualizá-lo rapidamente. Como num paradoxo, a tecnologia, uma das principais características da sociedade dos novos tempos, surgiria como uma aliada numa tentativa frustrante de reunir os fragmentos de seus relacionamentos e religar os vínculos entre os novos humanos habitantes dessa era capitalista egocêntrica.

Esse distanciamento surge como consequência da mesma tecnologia de informação desse tipo de sociedade, caracterizada pelo forte uso de tecnologias em busca de “otimização” tanto das relações, como do tempo, afinal, como anteviu o físico Benjamin Franklin: “tempo é dinheiro”. Tal expressão encaixa-se perfeitamente para a sociedade capitalista em que estamos inseridos. Ainda encontramos um excerto no livro sobre o tema: “Todos esqueceram a eternidade, concentraram-se nas horas. O tempo é um ativo corporativo agora” (*tradução nossa*).

Packer personifica o poder do dinheiro e demonstra que está acima de tudo. A sua vontade de ganhar tempo o faz ignorar a presença do presidente na cidade e insiste em cortar o cabelo mesmo com sua vida em risco e manifestações anarquistas. Afinal, seu olhar sobre o mundo externo é filtrado por extensões do seu corpo: telas, diagramas, janelas escurecidas do seu carro ou óculos de sol. Como é destacado na obra: “Os computadores estão mortos como unidades distintas: um gabinete, uma tela, um teclado. Estão penetrando na textura da vida cotidiana. Mesmo a palavra ‘computador’ soa antiquada e tola” (*tradução nossa*).

Outra ideia que se apegou foi a esperança de desvalorização do iene, de forma que mesmo após inúmeros conselhos de seus colaboradores ao longo da narrativa, inclusive para minimizar as factíveis perdas, investiu toda sua fortuna. Novamente, todas as relações de Eric giram em torno de dinheiro, por mais que tente escapar. Insiste em comprar uma capela e todos os quadros dela para instalar em seu apartamento, sendo que não estão a venda. Contudo, apesar de pagar por sexo e ter relações sexuais com diferentes mulheres, sua fortuna não pode comprar o sexo, e muito menos o amor, de sua esposa.

As frases recorrentes no romance que “um rato se tornou a unidade de moeda” e “o espectro do capitalismo ronda o mundo” (*tradução nossa*) são críticas explícitas ao capitalismo baseado na sua estrutura econômica. O animal surge em diferentes situações no livro, seja nos protestos, em cartazes, no restaurante e até no vidro da sua cápsula protetora (a limusine). O rato é um animal que anda pelo esgoto, transmissor de doenças, procria-se rapidamente, se alimenta de lixo... É uma alegoria da instabilidade econômica global e assume papel fundamental na conexão dos diferentes, mas não opostos, universos da economia e da sujeira – representada pelo rato, podendo ser tanto sujeira que o ser humano está inserido e como a que produz. Pode, ainda, ser o humano que habita cidades capitalistas ao redor do globo, como *Cosmópolis*.

A movimentação constante é característica do mundo de *Cosmópolis*. Um ambiente fluido em mutação, em que para se adaptar é preciso seguir o fluxo do movimento. A jornada de Eric é um processo de autoconhecimento, no qual cada parada que faz e cada personagem que encontra tem um papel essencial para o levar até o destino final. A necessidade de cortar o cabelo no seu antigo barbeiro não é um ato puro de consumismo. Na verdade, é como uma tentativa desesperada de um indivíduo solitário, em meio a uma crise existencial, de buscar por algo que remeta a sua infância e seja seu porto seguro. Em um mundo instável, numa modernidade líquida, onde as relações são passageiras, Eric parece precisar satisfazer sua necessidade por um pouco de humanidade. Enquanto seu estilo de vida representa justamente o oposto disso: o perfil do homem capitalista. Sua percepção da realidade faz com que seja produtor e produto da liquidez pós moderna (Bauman, 2008).

Somente no momento do encontro final com Benno Levin, seu ex funcionário que está desesperado, vítima de um sistema econômico excludente, que um choque de realidades é proposto. Os dois personagens possuem filosofias opostas, percepções distintas sobre o tempo e a realidade. Enquanto Benno está sujo, pobre, fracassado e anseia por um passado perdido e

uma existência tangível, com contato com o próximo, uma solidez que está se dissipando, Eric é belo, rico e limpo, imerso na *Cosmópolis* em que a economia é virtual, possui uma vida “contemporânea demais” com uma visão egoísta e projetada para o futuro. Benno pede para ser salvo e, assim, precisa matá-lo numa tentativa de destruir tudo o que representa e é uma espécie de alterego de Packer, que já não é mais inalcançável, encontra-se no ápice de sua crise existencial, descrente e em um abismo.

Quando percebe que está morto, se dá conta da sua mortalidade e exprime que “a idéia era viver fora dos limites dados, em um chip, em um disco, como dados, em turbilhão, em giro radiante, uma consciência salva do vazio” (DeLillo, 2003, p. 83, *tradução nossa*). Assim, discorre sobre a imortalidade que jamais existiria, mas que está acontecendo no presente momento, chegando ao fim da história lembrando sua constante finalidade capitalista:

“(…) um avanço evolutivo que precisava apenas do mapeamento prático do sistema nervoso na memória digital. Seria o principal impulso do capital cibernético, estender a experiência humana em direção ao infinito como um meio de crescimento e investimento corporativo, para o acúmulo de lucros e reinvestimento vigoroso.” (DeLillo, 2003, p. 83)

Sociedade perdida

Em uma sociedade em que inclusive a felicidade, presente em nosso âmago mais subjetivo, está relacionada a forma capitalista de ser, as necessidades surgem (ou são fabricadas de forma comercial) para serem objeto de satisfação por meio do consumo das mercadorias. Desde os tempos de Marx, a motivação para a troca era a posse de mercadorias, que eram trocadas pois o objeto de desejo era, invariavelmente, a mercadoria do outro. Esses fatos são tão arraigados na sociedade atual que assustam. Coloco-me em primeira pessoa nesse momento, como alguém que ao ler a sua obra pela primeira vez, impressiona-se pelo seu caráter profético, ou pelo contrário, por perceber que após quase 200 anos a sociedade não só continua similar, mas ainda se desenvolveu negativamente, como veremos a seguir.

“O que até ontem era uma função entre muitas de um e mesmo produtor de mercadorias, hoje pode gerar uma nova modalidade particular de trabalho, que, separada desse conjunto, autonomizada, manda seu produto ao mercado como mercadoria independente. As circunstâncias podem estar ou não maduras para esse processo de separação. O produto satisfaz hoje uma necessidade social. Amanhã é possível que ele seja total ou parcialmente deslocado por outro tipo de produto semelhante” (Marx, 2013, p. 310)

A forma como existem as relações de trabalho atualmente possibilitam uma nova compreensão acerca dos conceitos de Marx. As grandes corporações dominam o planeta e o “mercado” de trabalho como o conhecemos, em um cenário em que não se conhece a cadeia produtiva inteira de uma mercadoria consumida em seu âmbito familiar. A divisão do trabalho levou a humanidade a especialização sobre determinado assunto, buscando maior eficiência na produção de uma empresa.

Se a globalização já era responsabilizada por encurtar longas distâncias, os avanços tecnológicos aceleram ainda mais o processo. Para grande parcela da população mundial, o acesso a informação é consideravelmente maior do que há uma década, por exemplo. As redes sociais emergem como uma maneira de criar e manter laços entre os indivíduos, fortalecendo também a questão empregatícia. Hoje, redes profissionais como o *LinkedIn* são responsáveis por conectar pessoas de cantos opostos (ou até continentes). O trabalhador sente-se pressionado a criar seu perfil e se “vender” por meio dele.

Utilizando-se da lógica marxista, pode-se pontuar que, assim, o indivíduo se transforma em mercadoria, pois possui valor de uso e de troca para o mercado, satisfazendo suas necessidades quando assume uma função dentro de uma organização e recebe por isso. As

pessoas são instigadas divulgar a propaganda de uma mercadoria chamativa no mercado, sendo que o produto são elas mesmas, explica Bauman (2008, p.13) quando aborda o tema, que “são, ao mesmo tempo, os promotores das *mercadorias* e as *mercadorias* que *promovem*”. No mesmo contexto das mídias sociais, Fontenelle (2017) explica que são ambientes de co-criação de experiência, onde o produtor dos espaços virtuais é também o próprio consumidor (“prossumidor”), de forma que fornece a base de informações que as grandes corporações precisam, mesmo que isso custe a divulgação de informações sobre suas vidas pessoais, para prover essa experiência no ciberespaço. Nas grandes marcas contemporâneas, os prossumidores atuam como produtores de valores compartilhados, auxiliando na construção de significado para as marcas (Fontenelle, 2018).

Além disso, retomando o exemplo do *LinkedIn*, os indivíduos são prossumidores ao mesmo tempo que utilizam a plataforma de forma a suprir suas próprias necessidades, como o status por trabalhar em determinada organização e poder divulgar isso em sua página na sua rede social (sem considerar as necessidades anteriores, tais como as básicas supridas com seu salário). Esses “prêmios sociais” se tornam objetos de desejo, mas “exige que remodelem a si mesmos como mercadorias”, atraindo “demanda e fregueses” (Bauman, 2008, p. 14). Nesse processo, assim como a metamorfose da mercadoria em dinheiro, o trabalhador também se transmuta em mercadoria.

E da mesma forma, pode o trabalhador pode sofrer a alienação quando vende sua força de trabalho. Marx (2013) demonstra que para obter força produtiva social do trabalho, é estritamente necessário expropriar os trabalhadores e a metamorfose dos seus meios de produção em capital. Enquanto Bauman (2008, p.15) discursa que para a mão-de-obra atrair os capitalistas, os trabalhadores precisam ser “adequadamente nutridas e saudáveis, acostumadas a um comportamento disciplinado e possuidoras das habilidades exigidas pelas rotinas de trabalho dos empregos que procuram”. E segundo Marx (2013), apesar da existência de salário, o trabalho continua a ser mercadoria e somente é produtivo quando produz mais valor, enquanto a alienação da mercadoria ocorre pelo fato de a mesma adquirir autonomia e gerar lucro. O que nos leva ao seguinte questionamento: ora, não seria isso uma clara expressão do ser humano metamorfoseado em mercadoria, alienado em troca de lucro?

Voltando a obra *Cosmópolis*, mas ainda seguindo a mesma linha de raciocínio, no conflito final com Benno, Eric sofreria então a metamorfose do corpo em ciberespaço, alcançando a tão desejada imortalidade?

Logo em seguida do trecho destacado, Packer continua a fala exprimindo que a sua dor afetou sua imortalidade, pois não poderia ser emulada por meio de um computador, e, só nesse momento, passa a se conhecer, por isso, não desejava essa existência porque faltaria o “impulso predatório” que o impulsionou durante sua jornada, como uma espécie de “sopro da vida”. Para chegar ao conhecimento de sua imortalidade, alguém precisa ter conhecimento sobre sua mortalidade, coloca Bauman (1998) quando trata justamente do assunto. Porém, é algo *antinatural*, fortalecido pela modernidade e pelo surgimento da internet, culminando no desenvolvimento de computadores capazes de armazenarem uma “memória artificial” que, teoricamente, seria mais segura que a memória humana e alcançando a imortalidade como uma realidade virtual (Bauman, 1998).

O que nos traz de volta ao século XXI, no qual séries de TV retratam justamente esse processo de “imortalização”: *Black Mirror*, série da plataforma de *streaming Netflix*, gera reflexões sobre a presença da tecnologia na vida do ser humano. Em alguns episódios, como “White Christmas” e “Rachel, Jack and Ashley Too”, trata da inteligência artificial feita a partir de uma cópia do cérebro humano, o que são pequenas amostras do que seria a imortalização por meio da reprodução da vida humana. No “White Christmas” a inteligência artificial é utilizada para resolver um crime, e no “Rachel, Jack and Ashley Too” são comercializados robôs com a “personalidade” de uma artista mundialmente famosa. Esse é

um outro nível de transmutação do ser humano em mercadoria e sua alienação em busca do lucro, com um quê de necessidade de se materializar para alcançar a imortalidade. O que parece é que quanto mais a humanidade avança, mais se perde, pois nunca está e estará completamente satisfeita. “Nós, humanos modernos, embora sejamos muito mais poderosos que nossos ancestrais, provavelmente não somos mais felizes” (Harari, 2015).

Essa insaciabilidade nada mais é do que parte do espírito do capitalismo – necessário para engajar pessoas à produção e à marcha dos negócios – horas estimulada e horas freada, como forma de perpetuação do sistema (Boltanski; Chiapello, 2018). A transformação constante é parte essencial desse modelo, segundo Boltanski e Chiapello (2018), que, para mobilizar, incorpora uma dimensão moral, e se utiliza de críticas, indignação e expressão da voz como principal operador de mudanças do sistema capitalista como um todo, não só de seu espírito. Sem a crítica, as regulamentações, o engajamento das pessoas, os ajustes com o Estado etc., o capitalismo desenfreado seria autodestrutivo, dissipando, inclusive, suas bases. (Boltanski; Chiapello, 2018). Sendo assim, conclui-se que as críticas sociais e estéticas ao capitalismo, são como forças opostas e complementares, que enfatizam diferentes aspectos da humanidade, dessa forma exercendo um equilíbrio. Somente com ambas críticas seria possível escapar dos excessos de cada uma delas e, assim, enfrentar as ruínas do gigante capitalismo que prospera assistindo, com bolsos cheios, a humanidade se degradar.

Referências

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vidas para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Boltanski, L., Chiapello, E. (2018). *The new spirit of capitalism*. London, New York: Verso.
- Fontenelle, I. A. (2017). *Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas*. São Paulo, SP: FGV Editora.
- Harari, Y. (2015). *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Marx, K. (2013). *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo, SP: Boitempo.